

LUZ DE ALEXANDRIA

Câmara de Estudos Maçônicos – A.:R.:L.:S.: Heráclito Victória Nº 3168



Aniversariantes do Mês Março

01/03 - Cristian Rizzardi
08/03 - Robson Marin dos Santos
15/03 - Daniel Sozo
17/03 - Quildare Luchese de Abreu
28/03 - Vinicius A. Baldissera

Programação Mensal

05/03 - Sessão Ordinária de A.: M.:
12/03 - Sessão de Finanças
19/03 - Sessão Ordinária de C.:M.:
26/03 - Sessão Ordinária de A.: M.:



COLUNA DO VENERÁVEL MESTRE

Saudações a todos, meus Respeitáveis Irmãos!

Espero que todos estejam bem e com muita saúde! Estamos iniciando os trabalhos maçônicos deste ano. Tenho certeza que durante o período de recesso, muitos fizeram suas reflexões, analisando como foi a sua participação em 2024 e o que poderá evoluir e melhorar em 2025. Tenho certeza que cada um descobriu possibilidades de ser ainda mais participativo e útil para a sociedade.

Em nome de toda a Administração, firmo aqui o compromisso de buscar cada vez mais ferramentas para possibilitar que todos alcancem os seus objetivos junto a nossa Loja. Ao mesmo tempo, peço que todos, do Aprendiz recém iniciado ao Mestre mais antigo, participem com toda a sua energia e disposição nas diversas atividades que estivermos presentes.

Lembrem-se do nosso compromisso de sermos ativos e verdadeiros em tudo que nos comprometermos. Nossa Loja tem como prática, analisar e ver a viabilidade de todas as ideias e propostas dos irmãos, independente de grau ou cargo. Então, seguindo a organização administrativa, Aprendizes e Companheiros, levem aos seus Vigilantes suas sugestões para que possamos evoluir ainda mais. Da mesma forma, os nossos Mestres já conhecem o caminho para elevarmos templos à virtude.

Por fim, lembrem-se que a Maçonaria não é somente o que fazemos naquelas poucas horas semanais que estamos dentro do Templo, mas sim, TUDO o que fazemos e colocamos em prática lá fora, na sociedade em que vivemos e que precisa cada vez mais de ações e decisões tomadas com base no que é certo.

Um Fraterno Abraço a todos!

Diego Monteiro
Venerável Mestre



A.:R.:L.:S.:
HERÁCLITO VICTÓRIA Nº3168

RITO BRASILEIRO
QUARTAS FEIRAS, 20H

RUA PAULINO BALBINOTTI, 385
FORQUETA - CAXIAS DO SUL RS

A RÉGUA DE 24 POLEGADAS NA MAÇONARIA

IR.: CRISTIAN RIZZARDI

Apesar de ser um símbolo amplamente conhecido e divulgado em praticamente todos os ritos da maçonaria, é escasso o material proveitoso que podemos encontrar sobre a RÉGUA DE 24 POLEGADAS.

Apesar de ser um objeto de estudo aplicado mais ao grau de companheiro do que ao grau de aprendiz que se detém ao uso do maço e do cinzel, também podemos introduzir o estudo da régua, já que faz parte das ferramentas do grau de aprendiz de muitos ritos, mas não de todos.

A origem da palavra régua é francesa (*règle*) e significa “lei ou regra”. Trata-se de um instrumento cuja primeira ideia que nos impõe é a do traçado reto e de medida. Junto ao Malho e o Cinzel, a Régua completa os instrumentos de trabalho do aprendiz maçom, para grande parte dos ritos da maçonaria universal. Ela servirá para medir e traçar sobre a pedra bruta o corte a ser efetuado. De nada nos serve o Cinzel, símbolo da razão e discernimento, e do Malho, símbolo da vontade, determinação e força executiva, sem as propriedades diretivas da régua. Sem diretrizes podemos fazer com que nossa pedra bruta se torne mais irregular ainda. Sem o uso da régua, não há perfeição no plano de cortes. Lembremos ainda que a maçonaria da marca, instituição das mais antigas dentro da maçonaria e que floresceu com força na Irlanda e Escócia antes de 1723, preconiza o uso da régua, do maço e do cinzel, conjugados.

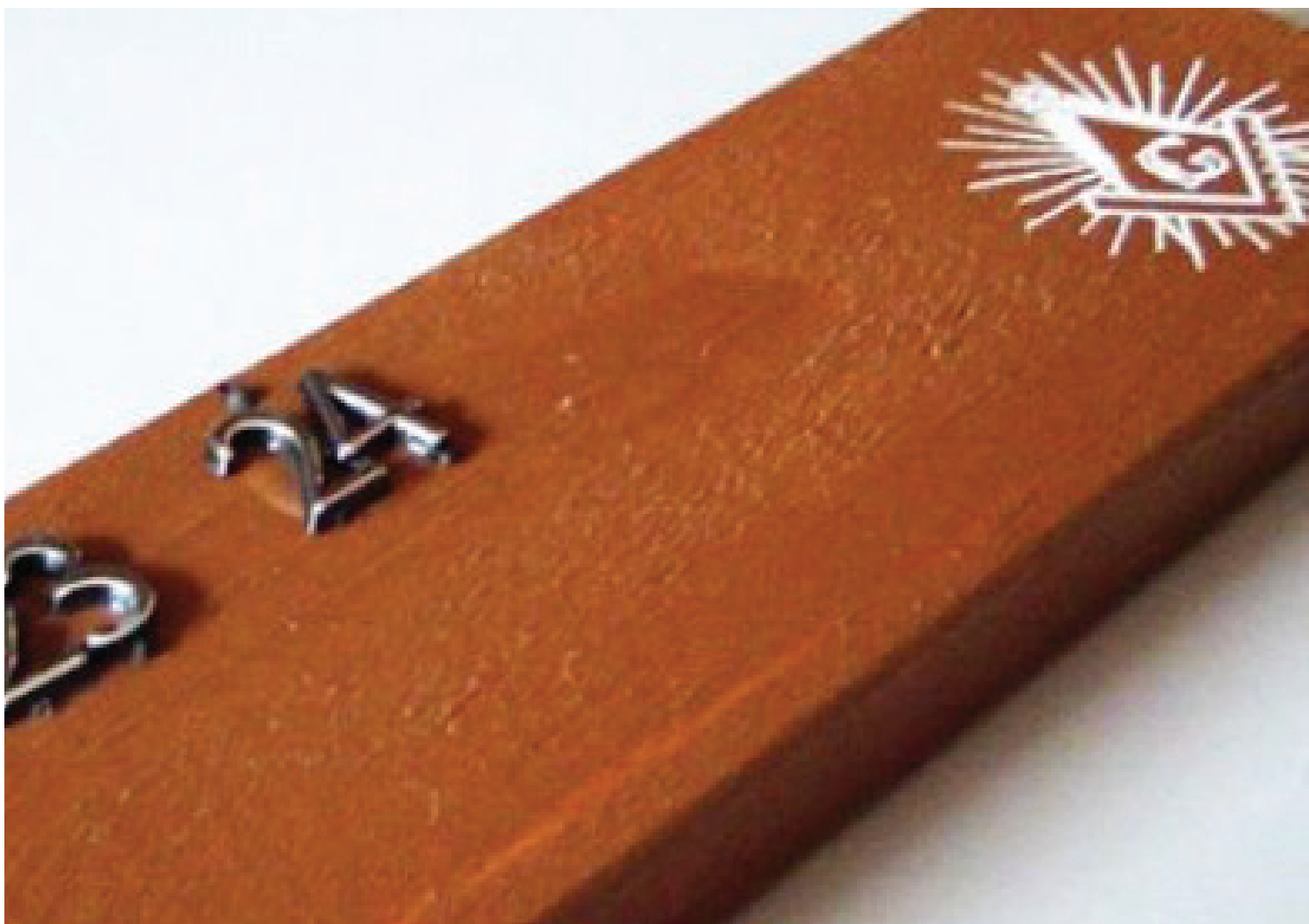
O traço de retidão é visto de uma maneira muito rígida nos ensinamentos orientais. No budismo, o Iluminado traçou aos seus discípulos os Oito Caminhos Nobres. “Compreensão correta, Pensamento correto, Linguagem correta, Comportamento correto, Modo de vida correto, Esforço correto, Desígnio correto, Meditação correta”. Buda traçou com sua régua o código para que seus seguidores evitassem dissabores e tristezas no caminho da vida. São as medidas do bem viver para os orientais que seguem esta filosofia. Evidencia-se o uso de uma “*règle*”.

Analogamente, todo credo, nação ou instituição depende de regras para sua identidade e funcionamento. Sem critérios, a vida seria por demais defeituosa e complicada. Daí a necessidade que o homem teve em estabelecer leis e padrões de conduta que nortegassem suas ambições. As 24 polegadas da régua que representa o total de horas de um dia ainda relembram que o dia deve ser vivido com critério dividido entre o trabalho, lazer, espiritualidade e o descanso físico e mental. O filósofo grego Demócrito, do século V a.C., escreveu, - “Ocupe-se de pouco para ser feliz”. Demócrito não pregava a ociosidade, mas sim a administração do tempo. Dizia que uma única coisa deveria ser feita por vez. Hoje vivemos na era da hiperatividade e da multitarefa. A dinâmica do trabalho na vida moderna nos exige cada vez mais padrões de eficiência e resultado. Em nome da competitividade, somos obrigados ainda a consumir enormes quantidades de informações. Política, mercado, informações técnicas, MBA’s, segundos idiomas, cursos de especialização, seminários, etc. Uma única edição de domingo da “Folha de São Paulo” contém mais informação do que um leitor médio encontraria durante toda a vida no século XVII. As novas tecnologias de informação, ao invés de proporcionar mais tempo livre, nos tornam escravos em tempo integral. Somem-se ao trabalho todos os outros papéis que temos que cumprir.

Somos filhos, pais, cônjuges, irmãos, amigos, membros de alguma agremiação extra, religiosa ou não, somos maçons. Como reagir diante deste caos de demandas simultâneas?

A Dra. Yuhong Jiang, pesquisadora da Universidade de Harvard – E.U.A. vem reafirmar hoje o ensinamento feito por Demócrito 2.500 anos atrás. Seu trabalho científico mostra que o cérebro humano é incapaz de processar duas coisas ao mesmo tempo. O cérebro é capaz de receber estímulos simultâneos, mas não é capaz de tomar decisões simultâneas. Ao receber múltiplas demandas, o cérebro sofre alterações orgânicas e entra em exaustão. Por tempo prolongado, os danos são catastróficos: Estresse, depressão, síndrome do pânico, psicoses, insônia, mialgias, doenças gastrointestinais, alteração de pressão arterial, etc.

“Elimine coisas que não te acrescentam mais – Marco Aurélio – Lições Estóicas”.



A administração do tempo expressa na lição das 24 polegadas nunca foi tão necessária como hoje em nossos dias. Para sermos felizes temos que reconhecer e aceitar nossos limites, aprender a dizer não. Eliminar atividades desperdiçadoras de tempo. Estabelecer metas para vida e realizá-las em ordem de prioridade.

A Régua nos ensina que devemos ser justos, corretos, equânimes no relacionamento humano; o Compasso é o símbolo da Sabedoria e da prudência. A Arquitetura é a mais nobre das Artes manuais; é a ciência com a qual os antigos expressavam a beleza; as cidades por eles construídas, com seus colossais monumentos, desaparece-ram, mas permaneceram as notícias. Caim construiu a cidade de Enoc; Noé, a Arca com que se salvou do dilúvio, Nemrot construiu a Torre de Babel e construiu os alicerces da Babilônia, Hiram Abiff adornou o Grande Templo de Salomão; Piteu edificou o templo a Minerva na Ásia Menor; Dédalo construiu em Creta o famoso Labirinto e Vitruvius foi o mais célebre arquiteto romano.

Todos os grandes construtores precisaram de uma régua para traçar cortes, planos e medidas. O que seria da humanidade sem uma régua? E o que seria do homem sem o justo uso do tempo?

Que possamos nós, meus irmãos, usar a régua de maneira à distribuir com sabedoria nosso tempo, nas 24 horas do dia, para que possamos ser amigos leais, jovens cidadão de nossa grande nação, pais, amigos, filhos, e dignos dos elogios de todos os homens de bem.

SINAIS

IR.: EDUARDO AUGUSTO ROCHA

Há muito se fala na ordem, que a busca constante de novos irmãos, é basicamente uma busca de homens livres e de bons costumes, e que vão somar a causa, dividir os anseios e as mazelas da sociedade. E que são chamados a filantropia e a evolução pessoal de caráter e retidão nas ações.

Levemos em conta, que cada irmão indica e chama o seu próximo, seu contato mais particular, no qual deposita confiança e bem viver, de um relacionamento familiar ou profissional de longa data e que acredita ser capaz de preencher todos os requisitos que a ordem espera de um homem livre e de bons costumes, ou seja: mais um guerreiro nas fileiras do bom combate. Bom seria, se a vida não nos causasse peças, em que tudo aquilo que sempre observamos no outro, fosse realmente espelho do convívio fraterno, mas infelizmente as vezes o reflexo que se vislumbra não é o que queremos. Não há uma equivalência na trajetória da luz, de um e de outro e não percebemos os sinais da diferença.

Paulo Coelho afirma que os sinais "... são a forma como Deus nos guia para o melhor caminho...". Ele também considera que os sinais "... são uma linguagem que nos mostra a decisão certa...". Então porque diabos não conseguimos identificar os sinais, de que, nem sempre o nosso melhor amigo, nosso melhor familiar, nosso melhor colega é a pessoa que merece estar ao nosso lado na ordem? Simplesmente porque não ficamos atentos aos sinais, é a resposta.

Não nos cabe julgar, nem a nós e nem ao outro, pois o que serve de referência para mim como atitude justa, honesta e honrada, pode ser que para o outro, seja meramente memória muscular de um caráter diferente do meu, e tudo bem! Só que essas dissonâncias de sinais, quando incluídas no ambiente da loja, da Ordem em si, vão causar desconfortos certamente. Mesmo indicado, mesmo arguido por mestres, um novo aspirante a ordem vai falar só aquilo que nos convém, que é agradável ao entrevistador. Será elogiado em escrutínio, terá sua taça repleta de esferas brancas, e seguirá o caminho natural. A busca pelos sinais, de que, "nem sempre o que me rodeia me serve", é a chave constante da evolução crítica de mim mesmo. Eu posso errar! Mas não posso fazer que outros se prejudiquem com meus erros, e espero que meus irmãos me auxiliem entender os sinais que para mim nem sempre foram claros.

A ordem é perfeita, feito por homens imperfeitos! Piegas, mas verdadeiro, mas nem por isso eu preciso ficar desatento aos sinais, e que o constante convívio com meus irmãos me auxilie sempre e sempre a buscar mais indícios de que aquela pessoa próxima a mim, é verdadeiramente merecedora dos meus irmãos.

SÃO JOÃO – O NOSSO PADROEIRO

PARTE 1

IR.: GABRIEL BESTEIRO

IR.: GILMAR GALIOTTO

IR.: RODRIGO ONZI

INTRODUÇÃO

Este estudo nasceu a partir de uma instrução oferecida a um grupo de aprendizes, que, em seus primeiros passos na ordem, demonstraram o desejo sincero de compreender mais quem é São João — ou, ainda, quem são os santos de nome João. Diante dessa inquietação, surgiu a proposta de um estudo mais amplo, que será desenvolvido e compartilhado em nove publicações sequenciais da CEM, buscando lançar luz sobre os aspectos históricos, simbólicos e iniciáticos relacionados à figura de São João enquanto padroeiro da Maçonaria.

No início de nossos de trabalho em loja, o V:.M:. cita São João como nosso padroeiro. Mesmo parecendo ser clara a dedicação dos trabalhos a São João, poucos sabem quem é e o que representou para a maçonaria.

A Grande Loja Unida da Inglaterra foi fundada no dia de São João Batista e desde o início da Maçonaria especulativa se conhecem como datas importantes o nascimento de São João Batista e o nascimento de São João Evangelista (24 de junho e 27 de dezembro, respectivamente). Em uma de nossas primeiras lições aprendemos que viemos de “uma Loja de São João”. São inúmeras as referências simbólicas à São João e por toda a literatura maçônica encontram-se explicações, alegorias e “teorias” sobre quem é O São João que nos referimos.

Esse questionamento que foi apresentado à um grupo de aprendizes de nossa Loja é o mesmo que ressoa na mente de qualquer recém iniciado foi tema daquela instrução – “Qual João?”. Se o interessado estiver atrás de uma resposta simples e objetiva, ela pode ser facilmente encontrada em nosso Ritual. Porém, se este for de fato um buscador, a pergunta se torna o motor que faz com que o maçom se aprofunde nos simbolismos, na história e de fato busque a resposta. Mas a questão principal deste estudo é justamente essa: A construção da resposta.

Para respondermos apropriadamente essa pergunta, invariavelmente teremos de nos debruçar sobre a história e o simbolismo de cada um dos “Santos de nome João”, sobre a história da própria Ordem e como as diversas guildas enxergavam este padroeiro. Além disso, o simbolismo representa uma parte crucial no entendimento da figura de São João como padroeiro da Maçonaria Universal. Cada um dos São João representa seu próprio arquétipo simbólico que é importante para a concepção e “preferência” de uma determinada Loja, região ou época para com um ou outro destes santos.

PARTE 1

Por que São João é o patrono da Maçonaria?

A associação feita entre a maçonaria e os Santos de nome João, especialmente São João Batista e São João Evangelista é baseada na importância simbólica que esses santos têm para a tradição maçônica, origem na Maçonaria Operativa e documentos atestam essa reverência. Os argumentos simbólicos ou filosóficos e os dados históricos trazem respostas diferentes influenciadas pela época ou região em que foram escritos. Mas é consenso que a escolha de São João como padroeiro da Maçonaria Universal foi uma escolha orgânica na época das guildas medievais que se manteve e reafirmou-se com a transição da Maçonaria Operativa para a Maçonaria Especulativa.

1.1 - Referências simbólicas

Dadas as inclinações filosóficas que a Maçonaria especulativa possui, um ponto crucial para entender a ligação de São João com a Ordem, são as representações simbólicas que estes santos carregam. São João Batista é celebrado por sua moralidade. Associado, na tradição medieval dos Maçons com o período preparatório do trabalho, enfatizando retidão moral, comportamento ético e busca por iluminação. As virtudes de coragem, verdade e zelo, são frequentemente associadas a este santo.

São João Evangelista simboliza a luz do conhecimento e a personificação do amor fraternal e do companheirismo, raízes dos ensinamentos maçônicos da idade média. Há também a referência a São João de Jerusalém (Este santo é conhecido por diversos nomes, mas todos fazem referência ao mesmo santo. Neste estudo o referenciaremos como São João de Jerusalém, mas quando falamos de São João do Chipre, São João de Esmoler e São João Hospitalário, estamos falando da mesma figura). Este, por sua vez, é associado com a filantropia e a caridade e é referenciado pela simbólica ligação entre a Maçonaria e os Cavaleiros Hospitalários. Há também referências claras nos rituais do R.E.A.A e nos livros de Albert Pike ao chamado “São João da Escócia”, tal referência por si só é simbólica e revela as diversas formas de reverência ao padroeiro, que também é referenciado com o mesmo arquétipo simbólico. Outras nomenclaturas são mencionadas na literatura com a expansão da Maçonaria Especulativa (como São João de Boston, São João da Palestina) mas a essência simbólica é a mesma.



C.E.M. LUZ DE ALEXANDRIA
Presidente da Comissão
Ir.: Cristian Rizzardi

Membros

Ir.: Daniel Sozo
Ir.: Eduardo Augusto Rocha
Ir.: Alexandre de Lavra Pinto
Ir.: Júlio César Zambiasi
Ir.: Vinicius Bernardi

Expediente:
Redação - Cristian Rizzardi
Diagramação - Júlio César Zambiasi
Logotipo - Gabriel Besteiro